

DISCURSO MEDIÁTICO E SOCIEDADE: REPENSAR A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSOⁱ

Anabela Carvalhoⁱⁱ

Resumo: A análise do discurso jornalístico e do seu enraizamento social tem conhecido avanços significativos nas últimas duas décadas, especialmente devido ao surgimento e desenvolvimento da Análise Crítica do Discurso. No entanto, há três aspectos importantes que merecem mais investigação: o plano temporal na análise do discurso, as estratégias discursivas dos atores sociais, e os efeitos extra e supra-textual do discurso mediatizado. Em primeiro lugar, a compreensão da biografia dos assuntos públicos exige uma análise longitudinal dos textos mediatizados e dos seus contextos sociais, mas a maioria das formas de análise do discurso jornalístico não tem em conta a sequência temporal dos textos e as suas implicações. Em segundo lugar, como a representação mediática das questões sociais é, em grande medida, função da construção discursiva de eventos, problemas e posições por diferentes atores sociais, as estratégias discursivas que eles empregam numa variedade de arenas e canais ‘antes’ e ‘depois’ dos textos jornalísticos precisam de ser examinados. Em terceiro lugar, o facto de que muitos dos modos de operação do discurso são extra- ou supra-textuais requer que se tenha em consideração vários processos sociais ‘fora’ do texto. Este trabalho tem como objetivo produzir um contributo teórico e metodológico para a integração destas questões em análise do discurso, propondo um quadro analítico que combina uma dimensão textual com uma contextual.

Palavras-chave: Media. Análise crítica de discurso. Tempo. Estratégias discursivas. Efeitos discursivos. Análise comparativa-sincrónica. Análise histórica-diacrónica.

Abstract: The analysis of journalistic discourse and its social embeddedness has known significant advances in the last two decades, especially due to the emergence and development of Critical Discourse Analysis. However, three important aspects remain under-researched: the time plane in discourse analysis, the discursive strategies of social actors, and the extra- and supra-textual effects of mediated discourse. Firstly, understanding the biography of public matters requires a longitudinal examination of mediated texts and their social contexts but most forms of analysis of journalistic discourse do not account for the time sequence of texts and its implications. Secondly, as the media representation of social issues is, to a large extent, a function of the discursive construction of events, problems and positions by social actors, the discursive strategies that they employ in a variety of arenas and channels ‘before’ and ‘after’ journalistic texts need to be examined. Thirdly, the fact that many of the modes of operation of discourse are extra- or supra-textual calls for a consideration of various social processes ‘outside’ the text. This paper aims to produce a theoretical and methodological contribution to the integration of these issues in discourse analysis by proposing a framework that combines a textual dimension with a contextual one.

Keywords: Media. Critical discourse analysis. Time. Discursive strategies. Discursive effects. Comparative-synchronic analysis. historical-diachronic analysis.

ⁱ Traduzido do original: Carvalho, A. Media(ted) discourse and society: rethinking the framework of Critical Discourse Analysis’. *Journalism Studies*, n.9, v. 2, p.161-177, 2008.

ⁱⁱ Professora Associada, Universidade do Minho. E-mail: carvalho@ics.uminho.pt.

Introdução

Dada a centralidade da linguagem para o jornalismo, compreender como é usada na construção de significados tem desde há muito sido uma preocupação natural na investigação sobre os media. Tomando os estudos da linguagem jornalística em sentido amplo, várias tradições de pesquisa podem ser identificadas. Tanto o Glasgow University Media Group como o Birmingham Centre for Contemporary Cultural Studies produziram um trabalho interpretativo notável sobre as representações mediáticas das questões sociais no final dos anos 70 do século passado (por exemplo, GLASGOW UNIVERSITY MEDIA GROUP, 1980; HALL et al., 1980). No campo da semiótica, Hartley (1982), Hodge & Kress (1988), e Kress & van Leeuwen (1990) fizeram análises reveladoras de vários tipos de mensagens mediáticas. Fowler (1991) analisou aspectos linguísticos das notícias, tais como transitividade em sintaxe, estrutura lexical, modalidade e atos de fala, e van Dijk (1988a; 1988b; 1991) e Fairclough (1995) propuseram algumas das análises mais sistemáticas do discurso jornalístico (entendendo aqui discurso como uso da linguagem). Escrevendo a partir da perspectiva da Análise Crítica do Discurso (ACD), os dois últimos investigadores têm avançado um programa de pesquisa que questiona o papel do discurso na produção e transformação das representações sociais da realidade, bem como das relações sociais.

A ACD tem como objetivo olhar além dos textos e ter em conta os contextos institucionais e socioculturais em que circulam. Na análise das práticas jornalísticas, esta tarefa é particularmente difícil, dado que o jornalismo se cruza com todos os campos da sociedade. Desenvolver um programa de pesquisa que englobe todos os momentos da ‘vida’ de um determinado texto noticioso, bem como o quadro mais amplo do discurso mediático produzido sobre um determinado tema é, portanto, um objetivo chave da comunidade que trabalha a ACD mas que não tem sido cumprido de forma plena (cf. RICHARDSON, 2007, para uma recente contribuição para esse fim¹). Este capítulo tem como objetivo rever o legado da ACD e identificar aspetos que poderiam ser abordadas de modo mais satisfatório na análise de discurso mediático, bem como contribuir para a melhoria de tal análise². O

¹ Richardson (2007) combina uma sólida base teórica com uma grande diversidade de exemplos empíricos de como o programa da ACD pode ser aplicado ao discurso dos jornais.

² O objetivo não é fazer generalizações a todo o campo da ACD porque o enfoque aqui é apenas na análise dos discursos mediáticos. Muitos dos debates sobre a ACD como um todo são, portanto, relevantes para a presente reflexão, mas o inverso não é necessariamente verdade.

capítulo começa por discutir as principais doutrinas da ACD, discute um conjunto de preocupações epistemológicas e propõe um programa metodológico para a análise de textos jornalísticos.

1 Revisitando a Análise Crítica do Discurso

A Análise Crítica do Discurso (ACD) é a linha de investigação sobre o discurso mediático com maior autoridade científica. Teun van Dijk (e.g., 1988a; 1988b, 1991, 2005), Norman Fairclough (e.g, 1995, 1998, 2003) e Ruth Wodak (e.g., WODAK, 1996; WODAK et al, 1999;. WODAK & CHILTON, 2005) são os mais proeminentes representantes deste ramo da análise de discurso, tendo os dois primeiros desenvolvido um extenso trabalho sobre o discurso dos media.

O chamado Marxismo Ocidental, representado por Gramsci (1971), Althusser (1971) e a Escola de Frankfurt, é um importante pano de fundo para o desenvolvimento da ACD. Esta cria pontes entre a epistemologia da ‘teoria social crítica’³ e a análise dos meios de construção linguística do sentido, tendo a linguística crítica sido uma influência crucial. Fowler (1991⁴) foi um dos pioneiros da abordagem ‘crítica’ à linguagem noticiosa. Na tentativa de ir além da natureza tradicionalmente ‘descritiva’ da linguística, este investigador trouxe as questões de poder e ideologia para a análise das notícias.

Os estudiosos da ACD partilham uma preocupação distinta com as relações entre os textos e os processos sociais, bem como com as relações entre a análise e as práticas analisadas. O discurso é visto como um tipo de prática social. Cada evento discursivo está dialeticamente ligada à sociedade na medida em que simultaneamente ‘constitui’/constrói e é ‘constituído’/construído por fenómenos sociais. A ACD muitas vezes envolve a busca de aspetos ou dimensões da realidade que são obscurecidas por um uso aparentemente natural e transparente da linguagem. O investigador tende a estar alerta para as relações de poder que são exercidas através do discurso e visa ultrapassar a normal opacidade das práticas sociais (FAIRCLOUGH, 1995, p. 54). Pretende expor as causas e consequências de discursos específicos e denunciar as injustiças sociais, culturais ou políticas que os mesmos sustentam. A ACD é então uma forma reflexiva e engajada de teoria social,

³ Como observa van Dijk (2001), a ACD tem paralelos em desenvolvimentos ‘críticos’ nas ciências sociais (e.g., Birnbaum, 1971).

⁴ Anteriormente, Fowler et al. (1979) já haviam proposto o ‘modelo da linguística crítica’.

que é ciente das suas implicações potenciais para as formações sociais e políticas (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999).

Apesar de ser um campo fértil e estimulante, a ACD não é universalmente aplaudida. Entre os seus críticos, alguns têm afirmado que é uma abordagem enviesada ou ideologicamente comprometida (TYRWHITT-DRAKE, 1999)⁵ enquanto outros sugerem que a sua diversidade metodológica deveria ser superada (TOOLAN, 1997). Widdowson (e.g., 1995) e Stubbs (1997) acusaram a ACD de fazer interpretação, e não análise, face ao que Fairclough (1996; ver também CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999) alegou que o tipo de trabalho interpretativo que a ACD oferece está mais perto da explicação do que da compreensão subjetiva. A maioria de tais críticas não diminuem o valor teórico e analítico da ACD. O pluralismo metodológico, por exemplo, pode ser visto como um ponto forte em vez de uma fraqueza, e o compromisso ideológico, como discutido acima, está explicitamente presente na agenda da ACD, não sendo sinónimo de distorção analítica.

Philo (2007) argumentou recentemente em favor de uma análise integrada de conteúdos e processos de recepção, produção e circulação, afirmando que a ACD não tem sido capaz de explicar o ciclo completo do discurso de imprensa. Como sugerido acima, este é um ponto válido, se bem que quase insolúvel. Este artigo centra-se em três aspectos para os quais, apesar das conquistas da ACD, ainda faltam respostas satisfatórias: o plano temporal na análise do discurso, as estratégias discursivas dos atores sociais e os efeitos do discurso mediático.

2 O plano temporal na análise de discurso de textos jornalísticos

Até há poucos anos atrás, o tempo tinha estado em grande parte estado ausente da literatura sobre análise de discurso de textos jornalísticos. A maioria das formas de análise não expressam ainda consciência da sequência temporal dos textos nem explicam claramente as implicações de anteriores posições discursivas sobre as subsequentes. Hyatt (2005, p. 515) defendeu a análise do contexto temporal em análise crítica do discurso e sugeriu que fossem considerados os seguintes aspectos:

⁵ Cf. resposta de Flowerdew (1999).

[...] immediate and medium-term sociopolitical contexts, the contemporary sociopolitical individuals, organizations and structures and the more long-term temporal context which includes the various assumptions of order, structures of inclusion and exclusion and generally how a society legitimates itself and achieves its social identity.

A sugestão de Hyatt é semelhante à análise do contexto social do discurso, que tem sido um aspecto central do programa da ACD pelo menos desde a publicação de *Language and Power*, de Norman Fairclough (1989). A proposta de Fairclough (1995) para analisar a ‘prática sociocultural’ em torno do discurso mediático envolve a análise do ‘contexto situacional’, o ‘contexto institucional’ e o ‘contexto sócio-cultural’. Na maioria das análises tal não tem sido totalmente conseguido. Van Dijk afirmou em 2004 (n/p) que uma ‘teoria explícita do contexto’ ainda estava em falta e reconheceu as dificuldades da análise contextual.

The fundamental problem [...] is how to put constraints on such a ‘contextual’ or ‘situational’ study. Indeed, how do we know or decide where to begin and where to stop such an analysis, since obviously it may begin with details of the interaction, the properties of speakers or of settings, but may stretch to such vast societal ‘contexts’ as contemporary capitalism, neoliberalism, globalization, patriarchy, postmodernism, and so on. That is, if contextual analysis should be relevant, it is crucial not only to define possible contexts, but especially to limit them.

A natureza histórica do discurso é uma das suas características mais fundamentais. Qualquer texto é sempre construído sobre os anteriores, reproduzindo ou questionando discursos anteriores. Fairclough (1995) e outros têm conceptualizado essas relações como intertextualidade. A intertextualidade é uma importante contribuição para o estudo do discurso, mas não oferece, por si só, uma visão completa do plano temporal, ou da historicidade do discurso (BLOMMAERT; BULCAEN, 2000). Ao analisar os momentos de produção e consumo do texto, Van Dijk (1988b) examina parte do seu percurso ‘biográfico’. Mas a relação entre um determinado texto e outros ao longo de um determinado período de tempo não é abordada na sua conceptualização.

Está por fazer a biografia das questões sociais e políticas nos meios de comunicação. Quando a mudança no discurso mediático tem sido tida em conta, a investigação tem sido orientada principalmente para questões de estilo e de género (FAIRCLOUGH, e.g. 1995; WEYMOUTH, 1998), em vez da mudança no significado das questões que são socialmente construídas pelos media.

O contributo mais importante para o estudo do tempo nos processos discursivos tem sido avançado por Ruth Wodak e colaboradores. Aplicada ao estudo dos processos de discriminação (van LEEUWEN; WODAK, 1999) e da identidade nacional (WODAK et al., 1999), a sua abordagem ‘histórico-discursiva’ procura dar conta do contexto histórico de eventos discursivos e explorar as mudanças ocorridas no discurso ao longo do tempo (WODAK, 1999). No entanto, o discurso mediático não foi ainda analisado detalhadamente desta forma.

A maioria dos estudos do discurso mediático são como que instantâneos, ou seja, fotos de um momento isolado. Focalizam-se nalgumas notícias em detalhe mas abrangem um curto espaço de tempo (muitas vezes apenas um dia ou alguns dias). Embora isso possa ser relevante para alguns eventos, a maioria das questões públicas têm uma ‘vida’ relativamente longa, que está ligada a representações mediáticas. Compreender a evolução de questões como uma guerra, o terrorismo ou as alterações climáticas, e os modos de interdependência que mantêm em relação aos media, é uma das contribuições potencialmente mais importantes dos cientistas sociais. Há, no entanto, obstáculos de várias ordens na concretização desse objetivo. Examinar os vários estágios da vida pública de tais questões, desde as condições de emergência na arena pública até à sua constituição em problemas políticos, à formulação de respostas, à adoção de medidas, implementação e avaliação, requer a análise dos discursos mediáticos num período de tempo relativamente longo. Obviamente, isso significa uma grande quantidade de trabalho e é necessário encontrar formas de tornar tal projeto exequível.

Além de traçar a história das questões públicas (a sequência de textos que aparecem nos meios de comunicação e a evolução de seu significado), uma análise do discurso sensível ao tempo implica também considerar o contexto específico de um determinado período, desde eventos e desenvolvimentos específicos relacionados com a questão em análise até aspectos mais amplos do ambiente social.

Finalmente, o tempo também é importante ao longo do eixo sincrónico e os investigadores devem ter em conta discursos que ocorram em simultâneo sobre a mesma questão na medida em que a comparação contribui para a análise crítica. Tanto a perspectiva histórico-diacrónica como a perspectiva comparativa-sincrónica defendidas aqui serão explicadas abaixo em mais detalhe.

2.1 Estratégias discursivas dos atores sociais

O jornalismo é tipicamente um re-construção discursiva da realidade. É raro os jornalistas testemunharem eventos ou conhecerem a realidade de uma maneira que não envolva a mediação de outros. Uma variedade de atores sociais servem como fontes de informação para os profissionais dos media, de forma direta ou indireta (e.g., ERICSON et al., 1989), e a representação mediática de questões sociais parece, em grande parte, ser função da iniciativa e capacidade dos atores sociais para projetar as suas reivindicações e captar a atenção para acontecimentos e problemas (e.g., SPECTOR; KITSUSE, 1977; ANDERSON, 1997). O retrato mediático dos problemas sociais depende, obviamente, das preferências e opções dos profissionais do sector, incluindo os valores-notícia com que operam (e.g., GANS, 1979), mas parte, quase necessariamente, da forma como outros atores sociais constroem socialmente uma determinada questão através das suas práticas discursivas.

Um bom método de análise do discurso deve integrar esses dois níveis de intervenção discursiva sobre um dado 'objecto' - a intervenção das fontes ou atores sociais, e a intervenção dos jornalistas. Em situações de guerra, por exemplo, uma análise sistemática do discurso das partes em conflito, bem como do discurso dos atores sociais que se opõem à guerra, ajudaria a compreender e explicitar o alinhamento dos media com um determinado lado e aumentar a consciência da pluralidade de pontos de vista, bem como dos enviesamentos tanto nos media como nos discursos dos atores sociais⁶.

Van Dijk (e.g., 1988a; 1988b) focaliza-se nos processos cognitivos do jornalista e no texto jornalístico, mas não analisa os discursos anteriores de outros atores sociais. Embora Fairclough (e.g., 1995) tenha em conta a intertextualidade e as transformações progressivas dos textos ao longo de cadeias discursivas, a análise das estratégias que os atores sociais adoptam para construir questões para os media está ausente do seu trabalho. Este capítulo propõe que se dedique uma atenção renovada ao papel das estratégias discursivas dos atores sociais no discurso mediático. É importante estudar as formas como eles e suas posições são representadas nos media e para tal devemos analisar as suas próprias estratégias discursivas na construção da realidade.

⁶ Parte da explicação para os níveis de oposição pública à guerra do Iraque em países europeus e outros pode ser a 'desintermediação' relativa na comunicação dos pontos de vista de diferentes atores sociais trazida pela internet.

2.2 Efeitos extra- e supra-textual (ou modos de operação) do discurso

Que consequências é que os textos têm para a totalidade de um campo discursivo? Como é que o discurso influencia e molda a evolução das questões sociais e políticas? Por exemplo, como é que os discursos de George W. Bush sobre a ‘guerra ao terrorismo’ influenciaram os discursos mediáticos sobre o terrorismo e as expectativas de ação subsequente? Que tipo de impacto é que isso teve sobre os mecanismos institucionais e as práticas materiais nos EUA e noutros países?

Wodak e Meyer (2001, p. 66) argumentam que há uma ‘dialectical relationship between particular discursive practices and the specific fields of action (including situations, institutional frames and social structures), in which they are embedded’. Uma visão constitutiva do discurso deve incluir a análise dos meios concretos através dos quais ele gera efeitos. Os analistas do discurso têm concentrado a sua atenção no texto; mas muitos dos modos de operação do discurso são extra- ou supra-textuais, ou seja, ocorrem fora ou para além de um texto dado. Os media são uma arena especialmente importante para a ação social e política; todavia, os estudos sobre o discurso dos media não têm especificado de forma clara os modos como os media moldam as realidades sociais extra- ou supra-textualmente⁷.

Como resposta à questão do funcionamento extra e supra-textual do discurso, proponho a categoria de efeitos discursivos⁸. Efeitos discursivos são processos que estão ligados a textos, mas ocorrem fora ou ‘acima’ do texto, não podendo ser ‘encontrados’ num texto único. Estes efeitos discursivos não são a consequência direta das intervenções discursivas de um ator, mas são muitas vezes dependentes de uma variedade de causas e circunstâncias (discursivas), e mostram a força restritiva e constitutiva do discurso. Exemplos de efeitos discursivos são estruturação discursiva, institucionalização do discurso e encerramento. Estruturação discursiva refere-se ao processo de dominação dos termos do debate (cf. a noção de ‘definição primária’ de HALL et al., 1978). Tal efeito pode ser intencionado, mas não depende apenas da

⁷ Alguns trabalhos sobre políticas ambientais têm fornecido contributos interessantes sobre estas questões. Hajer (1995) referiu-se a mecanismos discursivos como processos através dos quais o discurso funciona.

⁸ Hajer (1995) usa a expressão ‘mecanismos discursivos’ para se referir tanto ao que eu designo como estratégias discursivas (ver abaixo) como aos efeitos discursivos. Como tal, ele não individualiza a agência no discurso. A sua categoria de ‘mecanismos discursivos’ inclui uma variedade de aspectos intra e extra-textuais (e até mesmo extra-discursivos), desde ‘posicionamento’ a ‘experiências sensoriais’.

construção de um problema por parte de um ator social e a sua concretização envolve mais do que um texto. Por exemplo, o discurso do governo americano teve claramente um efeito de estruturação do discurso de muitos meios de comunicação, da *Fox* ao *New York Times*, no período que se seguiu aos eventos de 11 de setembro de 2001. Institucionalização do discurso é a transformação das estruturas e/ou práticas institucionais de forma que incorpora um determinado discurso⁹. Embora o processo de institucionalização do discurso resulte de, ou tenha origem em determinados textos, geralmente tem também uma dimensão extra-textual¹⁰. Um exemplo é a adoção de instrumentos legais, como o Patriot Act dos EUA, como resultado de certos discursos securitários sobre o terrorismo. Encerramento é a resolução ou extinção de algum tipo de controvérsia, por exemplo, em debates científicos ou políticos. É um processo supra-textual. A análise dos efeitos discursivos será integrada na análise diacrónica proposta abaixo.

3 Desenvolver um quadro analítico para o discurso mediático

Chouliaraki & Fairclough (1999) argumentam que a ACD começa a partir da percepção de um problema na sociedade. Muitos problemas sociais, tais como uma guerra ou a resistência do público aos organismos geneticamente modificados, têm marcadores temporais e identificá-los é o primeiro passo para iniciar a recolha de textos mediáticos sobre tais questões. A constituição de um *corpus* de textos de notícias depende de uma grande diversidade de fatores e dos objetivos da pesquisa (por exemplo, recursos humanos envolvidos num projeto, a natureza da questão social em estudo, o número de meios de comunicação a serem analisados). Uma vez constituído o *corpus*, começar com uma leitura aberta dos textos, sem perguntas muito específicas ou hipóteses que limitem a análise, pode produzir resultados interessantes uma vez que permite a identificação das características mais significativas dos dados, sem o efeito de filtro de um apertado programa de investigação.

O pensamento crítico é crucial nesta fase. Deve ser adoptado um ‘espírito de cepticismo’, levando à ‘suspension of belief in the taken for

⁹ Hajer (1995) afirma que a hegemonia discursiva é alcançada através da estruturação e institucionalização do discurso (cf. Berger & Luckmann, 1966).

¹⁰ O termo ‘extra-textual’ é preferível a ‘extra-discursivo’ (cf. Foucault, 1984 - noção de dependências extra-discursivas), dado que as instituições são, em alguns aspetos, um produto de discursos.

granted’ e ‘render[ing] the familiar strange’ (GILL, 2000, p. 178). Algumas das perguntas que podem vir à mente são: Porque é que algumas coisas são ditas e outras não? Como se fala sobre os assuntos e quais são as possíveis implicações disso? O que está ausente de um determinado texto (dados fatuais, argumentos, pontos de vista, etc)? A primeira leitura dos dados vai ajudar a identificar os mais significativos debates, controvérsias e silêncios, e, eventualmente, sugerirá especificações e alterações dos objetivos e perguntas iniciais da pesquisa. Esta leitura aberta deve ser aplicada a cada texto num período inicial do lapso temporal coberto pelo *corpus* de textos e, a partir daí, a um conjunto de textos que podem ser selecionados por um processo de amostragem aleatória estratificada, em múltiplos estágios: amostragem em cada meio de comunicação e re-amostragem nos períodos de pico de cobertura. Além disso, o analista deve prestar atenção aos títulos e aos primeiros parágrafos (um ou dois) de todos os artigos que compõem o *corpus*.

Em projetos que envolvem grandes quantidades de dados, a segunda etapa consiste em circunscrever o número de textos a serem submetidos a análise de discurso. O desenho da fórmula para a re-seleção dos artigos é muito importante. A combinação da análise exaustiva em períodos selecionados com a análise de ‘momentos críticos do discurso’ (CHILTON, 1987; GAMSON, 1992) é uma opção potencialmente frutuosa. Por um lado, há períodos que são determinantes para a construção de uma questão e, por conseguinte, exigem uma análise integral. Por exemplo, este é o caso dos primeiros anos de cobertura mediática significativa das alterações climáticas (1988-1989), quando passou de baixos níveis de atenção a uma questão pública e política importante. Por outro lado, após algum tempo, as construções discursivas de uma questão começam a sedimentar-se e diminui o grau de novidade, sendo que as diferentes posições discursivas começam a ser cada vez mais recorrentes. Como tal, faz sentido suspender a análise de artigo a artigo e ‘saltar’ para o próximo ‘momento crítico do discurso’.

Momentos críticos do discurso são períodos que envolvem acontecimentos específicos que podem desafiar as posições discursivas ‘estabelecidas’. Vários fatores podem definir esses momentos-chave: atividade política, avanços científicos, ou outros eventos de relevância social. A construção de uma cronologia de eventos relevantes para a questão a ser analisada pode ser um guia útil para a identificação de momentos críticos do discurso. Eis algumas das perguntas a serem feitas relativamente aos

momentos críticos do discurso: Será que os argumentos mudaram? Será que surgiram novos pontos de vista/alternativas?

A partir daqui, voltamo-nos para a análise do discurso detalhado de textos. Apresenta-se abaixo uma proposta de quadro analítico para o discurso mediático. Primeiro, centra-se na unidade de análise (ou seja, cada texto individual) e, em seguida, atenta ao seu contexto. Este quadro foi concebido principalmente para textos jornalísticos onde a linguagem escrita é dominante (se não exclusiva), como artigos de jornais ou revistas. No entanto, com algumas adaptações, pode ser aplicado a outros tipos de textos noticiosos, tais como as notícias televisionadas ou notícias on-line.

Quadro de análise de discurso noticioso

I Análise textual
1 Layout e organização estrutural
2 Objetos
3 Atores
4 Linguagem, gramática e retórica
5 Estratégias discursivas
6 Posições ideológicas
II Análise contextual
1 Análise comparativa-sincrónica
2 Análise histórico-diacrónica

Fonte: elaboração da própria autora.

3.1 I Análise textual

As dimensões do texto que mais importam na construção do significado e que devem ser analisadas são detalhadas a seguir.

3.1.1 Layout e organização estrutural

Elementos ‘de superfície’ do jornal e do próprio texto, tais como a secção em que o artigo foi publicado, o número da página, o tamanho do artigo, e se foi acompanhado por elementos visuais (fotografias, gráficos ou outros), dizem algo sobre a avaliação e categorização da questão por um determinado meio de comunicação, com implicações para a percepção do público.

A organização estrutural do texto desempenha um papel chave na definição do que está em causa, bem como na interpretação global de um problema. Como sublinha Van Dijk (e.g., 1988b), o título marca a leitura preferida de todo o artigo e deve ser cuidadosamente examinado. O lead e os primeiros parágrafos do artigo também merecem especial atenção.

3.1.2 Objetos

A segunda pergunta a fazer é: que objetos é que o texto constrói? A noção de ‘objetos’ aproxima-se aqui de tópicos ou temas. No entanto, o termo ‘objeto’ tem a vantagem de reforçar a ideia de que o discurso constitui em vez de apenas ‘se referir’ às realidades em questão. Os objetos do discurso nem sempre são óbvios e identificá-los claramente é um passo importante no sentido de desconstruir e compreender o papel dos discursos. No caso das alterações climáticas, por exemplo, os objetos mais amplos a serem construídos podem ser a economia, o governo ou a natureza. Outros objetos mais específicos podem ser, por exemplo, os impactos das alterações climáticas na agricultura. Uma pergunta relacionada a ser colocada nesta fase da análise é a seguinte: que eventos/questões específicas estão associadas à questão mais ampla em consideração? Esta pergunta é particularmente relevante para questões complexas como as alterações climáticas, que tem muitas dimensões, e, portanto, pode ser abordada de diferentes ângulos e perspectivas¹¹. Mapeando as ligações que os jornalistas (e outros autores) fazem entre eventos específicos, tais como a opção por uma expansão rodoviária e as alterações climáticas, pode ser muito esclarecedor relativamente à posição política de um determinado discurso (o facto de um autor não fazer essas ligações é igualmente significativo).

3.1.3 Atores

Quem é que o artigo menciona? Como são esses atores representados?¹² Aqui estamos interessados nas pessoas ou instituições que são citadas ou

¹¹ Em termos jornalísticos pode-se pensar em ‘ganchos’ noticiosos: que eventos ou questões dão origem a um determinado artigo?

¹² van Leeuwen (1996) fornece um complexo ‘inventário sócio-semântico’ sobre formas de representar os atores sociais.

referidas no texto¹³. O termo ‘atores’ nesta análise refere-se tanto a agentes sociais (alguém que tem a capacidade de fazer algo) como a personagens de uma história (que é, afinal, o que são as notícias)¹⁴. Os atores são, assim, tanto sujeitos – fazem coisas – como objetos – alguém de quem se fala. Podem aparecer como figuras isoladas ou em ‘coligações discursivas’ (WITTROCK et al., 1991; HAJER, 1995).

Os textos desempenham um papel importante na construção da imagem dos agentes sociais, bem como na definição das suas relações e identidades (HALLIDAY, 1978; 1985; FAIRCLOUGH, 1995). Um aspecto essencial no estudo das funções que os atores assumem em textos é a sua influência na definição do sentido global do texto. De quem é a perspectiva que parece dominar? Qual é o poder de enquadramento dos atores sociais relativamente aos media? Poder de enquadramento pode ser definido como a capacidade de um ator para transmitir as suas opiniões e posições através dos media, ao vê-las re-apresentadas pelos jornalistas na forma de citações ou texto regular. Ter o poder de enquadramento predominante em relação a um determinado assunto é uma importante forma de influência social. Mas devemos ter em mente que o poder de enquadramento é concedido ou negado pelos jornalistas (e.g., WHITE, 1950), que detêm um grande poder de construção discursiva das questões sociais¹⁵.

A análise da representação de agentes nos media está estreitamente relacionada com a análise da representação das suas estratégias discursivas (ver abaixo).

3.1.4 Linguagem, gramática e retórica

A identificação de conceitos-chave utilizados num texto e da sua relação com estruturas culturais e ideológicas é uma parte importante da análise do discurso (e.g., JACOBS; MANZI, 1996). Além disso, o vocabulário usado para representar uma determinada realidade (por exemplo, verbos, adjetivos, advérbios) e o estilo de escrita (por exemplo, formal/informal, técnica, conversacional) são dimensões importantes da constituição de significados.

¹³ Compare-se com a noção de ‘fonte’. Alguns desses atores podem ter funcionado como fontes para o autor do artigo mas outros não.

¹⁴ Este entendimento difere daquilo a que Fairclough chama ‘vozes’, que se refere a ‘those speaking or whose speech is represented’ (1995, p. 80) nos media.

¹⁵ Isto também está relacionado com questões de acesso aos meios de comunicação.

As análises linguísticas de textos jornalísticos prestam atenção a questões de pragmática, semântica e sintaxe no discurso de uma forma muito mais detalhada (e.g., FOWLER, 1991). Tal não é o enfoque desta proposta, sendo a análise da linguagem limitada aos aspectos listados acima (conceitos, vocabulário/escolhas lexicais e estilo).

Como defendido pela maioria dos estudiosos da ACD, o estudo da gramática de um texto pode revelar muitos dos pressupostos (ideológicos) subjacentes. Nominalizações e frases em voz ativa/passiva estão entre as mais importantes características sintáticas do discurso noticioso.

Por fim, atendemos às metáforas, outras figuras retóricas e dispositivos de persuasão empregues no texto (cf. VAN DIJK, 1988b). Um discurso emocional, com apelo às emoções dos leitores, por exemplo, é frequentemente encontrado na imprensa, e pode ter um papel retórico importante¹⁶. Na análise da linguagem e retórica temos em conta, por um lado, as formulações avançadas por diferentes agentes sociais, e por outro lado, o discurso dos jornalistas.

3.1.5 Estratégias discursivas

Estratégias discursivas são formas de manipulação discursiva da realidade por atores sociais, incluindo jornalistas, a fim de alcançar um certo efeito ou objetivo. Aqui, a manipulação não tem o sentido de uma alteração ilegítima de uma certa realidade (cf. VAN DIJK, 2006). Em vez disso, uso o termo para significar, simplesmente, uma intervenção discursiva. Esta intervenção e o objetivo perseguido podem ser mais ou menos conscientes (cf. WODAK, 1999; WODAK et al., 1999¹⁷).

A noção de estratégia discursiva ajuda-nos a compreender a relação entre as ‘estratégias das fontes’ e as representações mediáticas (e.g., ANDERSON, 1997). Apontando para o poder capacitador do discurso, tal noção é também esclarecedora no que diz respeito aos processos de promoção de uma questão ou ponto de vista, para os quais os media são uma arena crucial, e que envolvem necessariamente o uso da linguagem com o

¹⁶ Obviamente, a análise retórica pode ser muito mais abrangente do que o que é aqui sugerido: para uma introdução ver, por exemplo, Gill & Whedbee (1997).

¹⁷ Wodak define as estratégias no discurso como ‘plans of actions that may vary in their degree of elaboration, may be located at different levels of mental organization, and may range from automatic to highly conscious’ (1999, p. 188).

objetivo de ‘mostrar’, ‘provar’ ou ‘chamar a atenção’ para uma determinada matéria ou perspectiva. No entanto, os estudos sistemáticos das estratégias discursivas nos meios de comunicação são extremamente escassos, o que é uma lacuna importante da pesquisa sobre discurso mediático (ver CARVALHO, 2005, sobre as estratégias do *Guardian*, *The Times* e *The Independent* sobre alterações climáticas).

Referir-me-ei, de seguida, a algumas das estratégias discursivas mais importantes. A principal intervenção do orador/autor prende-se com a seleção de um ângulo da realidade (complexa) de que fala. Esta é uma parte importante do ato de ‘enquadrar’ uma certa realidade. Sugiro pensar em termos de *enquadramento* (framing) como uma ação ou operação, em vez de pensar em ‘frames’ como entidades (fixas) independentes. Enquadrar é organizar o discurso de acordo com um certo ponto de vista ou perspectiva. Na produção de textos, enquadrar envolve seleção e composição (cf. ENTMAN, 1993). Seleção é um exercício de inclusão e exclusão de factos, opiniões, juízos de valor, etc. Composição é o arranjo desses elementos a fim de produzir um certo significado. Não vejo o enquadramento como uma intervenção opcional no discurso, ao contrário de outros autores (e.g., DURHAM, 1998¹⁸). Em vez disso, é algo inerente à construção de textos. Enquadrar não é algo que se escolhe fazer ou não, mas uma operação necessária para falar sobre a realidade. Portanto, o que está em jogo na análise de enquadramento como uma estratégia discursiva é *como*, e *não se*, um ator enquadra a realidade.

Passando agora a outras estratégias discursivas, gostaria de destacar o *posicionamento* e, como exemplos de estratégias mais específicas, *legitimação* e *politização*. O *posicionamento* é uma estratégia discursiva que envolve a construção de atores sociais numa certa relação com os outros, o que pode, por exemplo, atribuir-lhes o poder de fazer determinadas coisas ou não (cf. DAVIES; HARRÉ, 1990; HAJER, 1995). O posicionamento também pode ser visto como um processo mais amplo de constituição da identidade do sujeito através do discurso¹⁹. *Legitimação* consiste em justificar e sancionar uma

¹⁸ No artigo de Durham, o enquadramento é visto como prática redutora realizada pelos jornalistas para dar sentido à realidade numa tentativa sistemática de identificar um único significado de questões e eventos (que são muitas vezes complexos e multi-dimensionais).

Compare-se com a função interpessoal da linguagem de Halliday (1978), e a função relacional do discurso mencionada por Fairclough (1995).

¹⁹ Compare-se com a função interpessoal da linguagem de Halliday (1978), e a função relacional do discurso mencionada por Fairclough (1995).

determinada ação ou poder, com base em razões normativas ou outras (cf. VAN LEEUWEN; WODAK, 1999). *Politização* é a atribuição de carácter ou estatuto político a uma determinada realidade, como, por exemplo, as alterações climáticas. Algumas dessas estratégias tem um reverso, como deslegitimação e despolitização. Naturalmente, há um número muito alargado de potenciais estratégias discursivas, com diferentes níveis de especificidade. Por exemplo, enquanto o enquadramento é uma operação fundamental e necessária, a *construção de responsabilidade* (na representação de um acidente, por exemplo) é uma estratégia muito mais específica e altamente discricionária.

Na análise das estratégias discursivas, é importante discriminar as estratégias dos jornalistas das estratégias de outros atores sociais. Isto é feito com recurso à análise de comunicados de imprensa, relatórios, sites e uma série de outras formas de comunicação dos atores sociais envolvidos num determinado assunto (por exemplo, políticos, empresas e organizações não-governamentais). Quando as fontes primárias não estiverem disponíveis, podemos também, indiretamente, ‘ler’ o discurso dos atores sociais a partir de citações e de discurso indireto nas notícias. Isto é obviamente um produto da seletividade mediática; no entanto, desde que verídica, uma citação ainda ‘diz’ alguma coisa. Uma forma de ‘combater’ os efeitos dos processos de filtragem dos media é a triangulação de órgãos de informação. O objetivo é mapear as estratégias discursivas em relação aos atores sociais. Que atores usam determinadas estratégias discursivas? Como estão os diferentes atores presentes nas estratégias discursivas de outros (como é que são construídos por outros)?

Como sugerido acima, uma tarefa-chave na análise do discurso mediático é compreender como as estratégias discursivas de cada ator social (relevante) são reproduzidas, contestadas ou excluídas. Quais são as relações entre as estratégias discursivas de cada ator social e o discurso mediático? Como é que os media reconstroem as estratégias de decisores políticos e de ativistas anti-guerra, por exemplo?

3.1.6 Posições ideológicas

A noção de que as ideologias estão incorporadas nos discursos é uma ideia central dos estudos do discurso, especialmente de versões ‘críticas’

como a ACD. O conceito de ideologia é usado em múltiplos sentidos que, por vezes, estão em tensão. Relacionando as ideologias com valores sociais e políticos associados a posições face a uma determinada realidade, este capítulo defende uma visão mutuamente constitutiva da ideologia e dos discursos mediatizados.

As posições ideológicas são, possivelmente, a influência mais importante na formação de um texto.²⁰ No entanto, a análise do discurso nem sempre as tem revelado totalmente. Fairclough (1995) procura mecanismos ideológicos ao nível do implícito, de pressupostos e pressuposições no texto e van Dijk afirma que ‘semantic structures of discourse ... form the core ‘content’ of the expression of ideological opinions’ (1998, p. 31).²¹

É necessária uma visão mais ampla da realização discursiva da ideologia. A ideologia é um aspecto transversal ao texto e à sua produção. Está incorporada na seleção e na representação de objetos e atores, na linguagem e nas estratégias discursivas empregues num texto. No entanto, é de esperar que os pontos de vista ideológicos de um autor nem sempre sejam explícitos no texto, especialmente se se tratar de um texto noticioso. *Parecer natural* está no cerne do trabalho jornalístico de representação da realidade, que é sempre um trabalho ideologicamente formatado (ver ALLAN, 1999). No processo de ‘newsmaking’, ‘the multi-accentual ‘potential for meaning’ of the chosen signs ... are filled in until the signs are ‘closed’, apparently uni-accentual’ (HARTLEY, 1982, p. 63). Identificar os meios discursivos de tal ‘ideological closure’ (ibid.), muitas vezes requer uma boa dose de trabalho interpretativo. Nalguns textos, as posições normativas, políticas e valorativas são relativamente claras. Mas o analista tem de aprender a identificar posições ideológicas a partir de mecanismos e dispositivos relativamente subtis. O confronto com construções alternativas da mesma realidade (tais como notícias em diferentes órgãos de comunicação) é uma estratégia útil (ver análise comparativa-sincrónica abaixo). É importante tornar as ideologias manifestas porque estas envolvem motivações e justificações fundamentais para manter ou alterar um determinado *status quo*.

²⁰ Isto não significa que há uma prioridade lógica das ideologias sobre os textos. As ideologias são produzidas por textos e ‘guiam’ a produção de textos.

²¹ O modo como van Dijk pensa a ideologia (1998b; 1998c), tal como o discurso, está indissociavelmente ligado à cognição.

A análise das estratégias discursivas e das posições ideológicas em textos jornalísticos não é independente da análise dos outros elementos enunciados acima. As estratégias discursivas dos profissionais dos media estão implicadas no layout e estrutura do texto, na construção discursiva de objetos e atores, e na linguagem, gramática e retórica. Por sua vez, as posições ideológicas têm de ser inferidas a partir de todos os outros elementos, incluindo as estratégias discursivas.

Para concluir a secção sobre a metodologia envolvida na análise textual, vale a pena ressaltar que devemos sempre olhar para o que está presente no texto bem como para o que está ausente (ver FAIRCLOUGH, 1995). O silêncio pode ser tão performativo como o discurso. Qualquer texto deve ser lido ‘politicamente’, para usar os termos de Carver & Hyvärinen (1997). Uma ‘leitura política’ reconhece que a política não é natural, mas ‘contingent, plural and conflictual’ (ibid.: 6), e visa manter na análise a consciência das possíveis alternativas à posição dominante. O que é obscurecido no texto? Como é que a inclusão e exclusão de factos servem a criação de um determinado significado? Estas são questões que devem sempre ser mantidas na mente do analista.

3.2 II Análise contextual

Numa segunda etapa da análise, propõe-se aqui ir além do texto e ter em conta a cobertura global de um evento ou problema num determinado órgão de comunicação e o contexto social mais amplo. A primeira pergunta a colocar é simples: quantos textos são dedicados a cada evento/problema ao longo de um determinado período de tempo? O número de textos é um indicador fundamental da importância concedida por um órgão de comunicação a um problema e é um ponto de partida útil para a análise.

Duas dimensões de análise são consideradas nesta fase, ambas associadas ao plano temporal - sincrónica e diacrónica. Isto é conseguido através de dois meios principais de investigação, respectivamente, a comparação e a análise histórica. Assim, procuramos efetuar uma análise comparativa-sincrónica e uma análise histórico-diacrónica.

3.2.1 Análise comparativa-sincrónica

Philo (2007, p. 186) salientou que a ACD “would be more powerful if it routinely included a developed account of alternatives”. Uma análise

comparativa-sincrónica significa olhar para várias representações de uma questão no momento de produção de um texto noticioso específico (a nossa unidade de análise). Mais especificamente, procura-se comparar um texto com outras representações da mesma questão: textos publicados no mesmo dia (ou outra unidade de tempo) por diferentes autores, tanto no mesmo órgão de comunicação como noutros. A comparação de diferentes representações mediáticas da realidade inclui a tentativa de reconstituir os eventos (discursivos ou não discursivos) originais. Através do cruzamento de diferentes meios de comunicação e da verificação de fontes originais, tais como relatórios ou documentos políticos, os investigadores podem formar a sua própria imagem da realidade, que será (espera-se) mais precisa e/ou completa do que cada representação mediática individual. Como sugerido anteriormente, isso é importante porque permite uma melhor avaliação da intervenção dos jornalistas (ou outros autores de textos mediáticos) sobre a realidade, e da sua reconstrução das estratégias discursivas dos atores sociais. Embora o quadro analítico aqui proposto apele à intertextualidade ao olhar para as ligações entre os textos produzidos pelos atores sociais e os textos mediáticos (como um texto é integrado no outro, as transformações que sofre), a análise comparativa-sincrónica difere do que é normalmente designado como análise intertextual. É um confronto de representações alternativas da realidade que visa, principalmente, melhorar a leitura crítica do discurso noticioso e ajudar a identificar as características discursivas específicas de um dado órgão de comunicação.

3.2.2 Análise histórico-diacrónica

A análise histórico-diacrónica tem lugar a dois níveis. Num primeiro nível, a abordagem histórica envolve o exame da trajetória de questões sociais e do seu contexto político, social e económico (cf. WODAK et al., 1999; VAN LEEUWEN; WODAK, 1999). Como argumentam vários estudiosos da ACD, as condições históricas e o contexto de produção dos textos mediáticos têm que ser tidos em conta na análise do discurso²². Para tal, a investigação deve ser bastante aberta em termos teóricos e metodológicos (WEISS & WODAK, 2003). Embora não seja nova, a preocupação com a interdisciplinaridade na ACD tornou-se mais explícita nos últimos anos (e.g., WODAK; CHILTON, 2005)

²² Cf. noção de prática sociocultural de Fairclough (1995).

e, apesar de ser um grande desafio, este é um propósito crucial para a investigação. Trazer as contribuições de disciplinas como a ciência política, sociologia e psicologia para a análise dos discursos mediáticos sobre o Islão e o terrorismo, por exemplo, pode ser muito produtivo.

Num segundo nível, é importante analisar a evolução temporal dos discursos mediáticos e produzir uma história das construções mediáticas de uma determinada questão social²³. Trata-se de olhar para a sequência de construções discursivas de um problema e avaliar o seu significado. Como é que as representações da realidade influenciam representações subsequentes? De que modo foram reproduzidas ou contestadas?²⁴ Quais foram as implicações políticas, sociais e/ou culturais dos discursos dominantes? Que argumentos e propostas alternativas foram excluídos das agendas públicas e porquê? O desenvolvimento de uma questão social - a sequência de eventos e construções da questão - é um aspecto crucial para a compreensão do presente. O estudo 'biográfico' de questões sociais e políticas pode, portanto, ajudar a dar sentido aos dispositivos, instituições e regras que nos governam. A identificação de efeitos discursivos, como discutido acima, é um procedimento de análise útil, e uma parte importante de uma análise do discurso histórico-diacrónica.

4 Conclusão

Na tradição da ACD, este capítulo propôs um quadro analítico para o discurso mediático que integra várias dimensões de análise e responde a questões como o tempo em análise do discurso, a manipulação discursiva da realidade por diferentes atores sociais, e os modos de funcionamento social do discurso. O âmbito de análise desta abordagem é tanto sincrónica como diacrónica. Privilegia a análise da continuidade (ou descontinuidade) relativamente à análise do que é episódico. Assim, esta abordagem promove a análise integrada do discurso mediático sobre questões específicas durante um período prolongado de tempo.

²³ Durant et al. (1998) e McComas & Shanahan (1999) estão entre os poucos exemplos de investigadores que tentaram compreender a evolução dos discursos mediáticos sobre um determinado assunto ao longo do tempo. Focalizando-se, respetivamente, em 'frames' sobre biotecnologia e em (meta)narrativas sobre alterações climáticas (identificadas a partir da análise de conteúdo de textos em vários períodos) nos EUA, as suas análises são predominantemente quantitativas. Por essa razão, os seus trabalhos oferecem pouca análise pormenorizada dos meios discursivos de construção do significado.

²⁴ Cf. noção de relações em cadeia de Fairclough (1995).

Como qualquer outro método, o que foi proposto aqui gera algumas dificuldades. Devido ao âmbito deste tipo de análise, o volume de material a ser analisado pode ser vasto. É, portanto, inexecutável para um único investigador analisar cada unidade de análise (por exemplo, um artigo noticioso). A solução sugerida é analisar alguns períodos de forma exaustiva e, em seguida, concentrar-se em ‘momentos críticos do discurso’, o que parece uma opção mais adequada do que a amostragem aleatória ou a escolha dos textos de forma arbitrária. A análise desses ‘momentos’ permite a identificação de viragens discursivas e/ou de linhas contínuas de argumentação em momentos particularmente importantes na construção social de um problema.

Referências

- ALTHUSSER, Louis. **Lenin and Philosophy and Other Essays**. London: New Left Books, 1971.
- ANDERSON, Alison. **Media, Culture and the Environment**. London: University College Press, 1997.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **The Social Construction of Knowledge: A Treatise in the Sociology of Knowledge**. London: Penguin, 1966 (repr. in 1991).
- BIRNBAUM, Norman. **Toward a Critical Sociology**. New York: Oxford University Press, 1971.
- BLOMMAERT, Jan; BULCAEN, Chris. ‘Critical discourse analysis’, **Annual Review of Anthropology**, vol. 29, p. 447-466, 2000.
- CARVALHO, Anabela. ‘Representing the politics of the greenhouse effect. Discursive strategies in the British media’, **Critical Discourse Studies**, v. 2 , n. 1, p. 1-29, 2005.
- CARVER, Terrell; HYVÄRINEN, Matti (eds.). **Interpreting the Political: New Methodologies**. London: Routledge, 1997.
- CHILTON, Paul; SCHÄFFNER, Christina. ‘Discourse and politics’. In: VAN DIJK, Teun (ed.) **Discourse as Social Interaction. Discourse Studies. A Multidisciplinary Introduction**, vol. 2, London: Sage, p. 206-30, 1997.
- CHILTON, Paul. ‘Metaphor, euphemism, and the militarization of language’. **Current Research on Peace and Violence**, v. 10, p. 7-19, 1987

CHOULIARAKI, Lillie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in Late Modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

DAVIES, Bronwyn; HARRÉ, Rom. 'Positioning: the discursive production of selves'. **Journal for the Theory of Social Behaviour**. 20(1): 43-63, 1990.

DURANT, John; BAUER, Martin; GASKELL, George (eds.). **Biotechnology in the Public Sphere: A European Sourcebook**. London: Science Museum Publications, 1998.

DURHAM, Frank. 'News frames as social narratives: TWA flight 800'. **Journal of Communication**, v. 48, n. 4, p. 100-17, 1998.

ENTMAN, Robert. 'Framing: toward clarification of a fractured paradigm'. **Journal of Communication**, v. 43, n. 4, p. 6-27, 1993.

ERICSON, Richard; BARANEK, Patricia; CHAN, Janet. (eds.). **Negotiating Control: A Study of News Sources**, Milton Keynes: Open University Press, 1989.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Power**. London: Longman, 1989.

_____. **Media Discourse**. London: Edward Arnold, 1995.

_____. 'A reply to Henry Widdowson's 'Discourse analysis: a critical view''. **Language and Literature**, v. 5, n. 1, p. 49-56, 1996.

_____. 'Political discourse in the media: an analytical framework'. In: BELL, Allan; GARRETT, Peter (eds) **Approaches to Media Discourse**. Oxford: Blackwell, pp. 142-62, 1998.

_____. **Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research**. London: Routledge, 2003.

FLOWERDEW, John. 'Description and interpretation in critical discourse analysis'. **Journal of Pragmatics**, v. 31, p. 1089-1099, 1999.

FOUCAULT, Michel. 'The Order of Discourse'. In: SHAPIRO, Michael (ed.) **Language and Politics**. Oxford: Blackwell, p. 108-38, 1984.

FOWLER, Roger. **Language in the News**. London and New York: Routledge, 1991.

FOWLER, Roger; HODGE, Bob; KRESS, Gunther; TREW, Tony. **Language and Control**. London: Routledge and Kegan Paul, 1979.

GAMSON, William. **Talking Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

GANS, Herbert. **Deciding What's News. A Study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time**. New York: Pantheon, 1979.

GILL, Rosalind. 'Discourse analysis'. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (eds.) **Qualitative Researching with Text, Image and Sound**. London: Sage, p. 172-190, 2000.

GILL, Ann; WHEDBEE, Karen. 'Rhetoric'. In: VAN DIJK, Teun (ed.) **Discourse as Structure and Process. Discourse Studies. A Multidisciplinary Introduction**, v. 1, London: Sage, p. 157-84, 1997.

GLASGOW UNIVERSITY MEDIA GROUP. **More Bad News**, London: Routledge and Kegan Paul, 1980.

GRAMSCI, Antonio. **Prison Notebooks**. New York: International Publishers, 1971.

HAJER, Maarten. **The Politics of Environmental Discourse. Ecological Modernization and the Policy Process**. Oxford: Clarendon Press, 1995.

HALL, Stuart; HOBSON, Dorothy; LOWE, Andy; WILLIS, Paul. (eds.). **Culture, Media, Language**. London: Hutchinson, 1980.

HALL, Stuart; CRITCHER, Charles; JEFFERSON, Tony; CLARKE, John; ROBERTS, Brian. **Policing the Crisis: Mugging, the State, and Law and Order**. London: Macmillan, 1978.

HALLIDAY, Michael. **Language as Social Semiotic**. London: Edward Arnold, 1978.

_____. **Introduction to Functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

HARTLEY, John. **Understanding News**. London and New York: Routledge, 1982.

HODGE, Roger; KRESS, Gunther. **Social Semiotics**. London: Polity, 1988.

HYATT, David. 'Time for a change: a critical discursual analysis of synchronic context with diachronic relevance'. **Discourse & Society**, v. 16, n. 4, p. 515-534, 2005.

JACOBS, Keith; MANZI, Tony. 'Discourse and policy change: the significance of language for housing research'. **Housing Studies**, v. 11, n. 4, p. 543-560, 1996.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Teun. **Reading Images**. Victoria: Deakin University Press, 1990.

MCCOMAS, Katherine; SHANAHAN, James. 'Telling stories about global climate change: Measuring the impact of narratives on issue cycles'. **Communication Research**, v. 26, n. 1. p. 30-57, 1999.

PHILO, Greg. 'Can discourse analysis successfully explain the content of media and journalistic practice?'. **Journalism Studies**, v. 8, n. 2, p. 175-96, 2007.

RICHARDSON, John E. **Analysing Newspapers: An Approach from Critical Discourse Analysis**. Palgrave Macmillan, 2007.

SPECTOR, Malcolm; KITSUSE, John. **Constructing Social Problems**. Menlo Park, CA: Cummings, 1977.

STUBBS, Michael. 'Whorf's children: critical comments on critical discourse analysis'. In: RYAN, Ann; WRAY, Alison (eds.) **Evolving Models of Language**, Papers from the 1996 Annual Meeting of BAAL, Milton Keynes: Multilingual Matters, p. 100-116, 1997.

TOOLAN, Michael. 'What is critical discourse analysis and why are people saying such terrible things about it?' **Language and Literature**, v. 6, n. 2, p. 83-103, 1997.

TYRWHITT-DRAKE, Hugh. 'Resisting the discourse of critical discourse analysis: reopening a Hong Kong case study'. **Journal of Pragmatics**, v. 31, p. 1081-1088, 1999.

VAN DIJK, Teun. **News Analysis: Case Studies of International and National News in the Press**. Hillsdale, NJ: Laurence Erlbaum, 1988a.

_____. **News as Discourse**. Hillsdale, NJ: Laurence Erlbaum, 1988b.

_____. **Racism and the Press**. London: Routledge, 1991.

_____. 'Opinions and ideologies in the press'. In: BELL, Allan; GARRETT, Peter (eds.) **Approaches to Media Discourse**, Oxford: Blackwell, p. 21-63, 1998.

_____. 'Critical Discourse Analysis'. In TANNEN, Deborah, SCHIFFRIN, Deborah & HAMILTON, Heidi (eds.) **Handbook of Discourse Analysis**, Oxford: Blackwell, p. 352-71, 2001.

_____. 'Critical Context Studies', Lecture given at CDA Conference, Valencia, May 2004, <<http://www.discourses.org/UnpublishedArticles/Critical%20context%20studies.htm>>, accessed 17 May 2007.

_____. **Racism and Discourse in Spain and Latin America**. Amsterdam: Benjamins, 2005.

_____. 'Discourse and manipulation'. **Discourse & Society**, v. 17, n. 3, p. 359-83, 2006.

VAN LEEUWEN, Teun. 'The representation of social actors'. In: CALDAS-COULTHARD, Carmen; COULTHARD, Malcom. (eds.) **Texts and Practices: Readings in Critical Discourse Analysis**, London: Routledge, 1996.

VAN LEEUWEN, Teun; WODAK, Ruth. 'Legitimizing immigration control: a discourse-historical analysis', **Discourse Studies**, vol. 1, n. 1, p. 83-118, 1999.

WEISS, Gilbert; WODAK, Ruth. (eds.) **Critical Discourse Analysis: Theory and Interdisciplinarity**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2003.

CARVALHO, Anabela. Discurso mediático e sociedade: repensar a Análise Crítica do Discurso. Trad. Anabela Carvalho. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 9, p. 175-199, dez.2015.

WEYMOUTH, Tony. 'New landscapes, old footpaths: the discourse of the written press revisited'. **Media, Culture and Society**, v. 20, n. 3, p. 499-506, 1998.

WHITE, David. 'The Gatekeeper: A case study in the selection of news'. **Journalism Quarterly**, v. 27, n. 4, p. 383-390, 1950.

WIDDOWSON, Henry. 'Discourse analysis: a critical view'. **Language and Literature**, v. 4, n. 3, p. 157-172, 1995.

WODAK, Ruth; CHILTON, Paul. (eds.) **A New Agenda for Critical Discourse Analysis: Theory, Methodology and Interdisciplinarity**. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

WODAK, Ruth; DE CILLIA, Rudolf; REISIGL, Martin; LIEBHART, Karin (eds.) **The Discursive Construction of National Identity**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

WODAK, Ruth. **Disorders of Discourse**. London: Longman, 1996.

WODAK, Ruth. 'Critical Discourse Analysis at the end of the 20th century'. **Research on Language and Social Interaction**, v. 32, n. 1&2, p. 185-193, 1999.

Tradução: Anabela Carvalho